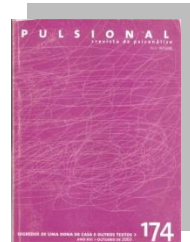


DA REALIDADE AO REAL – JACQUES LACAN E A REALIDADE PSÍQUICA



[Clique aqui para ampliar](#)

FROM THE REALITY TO THE REAL – JACQUES LACAN AND PSYCHICAL REALITY

Marcus André Vieira : Psiquiatra, Psicanalista (Escola Brasileira de Psicanálise), Doutor em Psicanálise (Paris VIII), Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.
(mav@litura.com.br)

Referência :

VIEIRA, M. A. . Da realidade ao real: Jacques Lacan e a realidade psíquica. *Pulsional*. Revista de Psicanálise (São Paulo), São Paulo, v. 174, p. 56-60, 2003.

DA REALIDADE AO REAL – JACQUES LACAN E A REALIDADE PSÍQUICA

Resumo

Delimita-se a leitura, empreendida por Jacques Lacan, do conceito freudiano de realidade psíquica, com ênfase na radicalidade do desamparo humano na teoria psicanalítica assim como de sua dimensão funcional na experiência de uma análise. Com base no desamparo, propõe-se a realidade como subjetivação da dimensão significante e da pulsão como resto operatório da dimensão simbólica.

Palavras-chave : realidade psíquica, Lacan, simbólico, pulsão.

Abstract

FROM THE REALITY TO THE REAL – JACQUES LACAN AND PSYCHICAL REALITY

This text discusses the lacanian point of view on the concept of ‘psychical reality’. Based on the freudian’s importance given to the idea of helplessness, Lacan argues in favor of the symbolic dimension as the place where lies the basis to the construction of the feeling of reality.

Key-words : psychical reality, Lacan, symbolic, drive.

DA REALIDADE AO REAL – JACQUES LACAN E A REALIDADE PSÍQUICA

(ou "mais-além do princípio do entardecer")

publicado em *Pulsional revista de psicanálise*, n. 174, ano XVI, (ISSN 1517-5316), São Paulo, Livraria Pulsional, out. 2003, pp. 27-36)

Para delimitar a leitura que empreende Jacques Lacan do conceito freudiano de realidade psíquica, objetivo deste artigo, partiremos de algumas premissas com relação à realidade que devem ser previamente admitidas pelo leitor. Em primeiro lugar, vamos admitir que a psicanálise demonstra o quanto a realidade é claudicante para o homem, o quanto sua existência e integridade têm um estatuto frágil e subjetivo. A este primeiro ponto articula-se o segundo que refere-se a uma distinção fundamental empreendida por Freud: a realidade divide-se em uma realidade psíquica e uma realidade material/externa, sendo que a primeira é mais forte ou mais decisiva que a segunda (como sabemos, para que haja análise é preciso que se admita que não são os dados factuais que contam, mas sim a maneira como eles foram vividos e lembrados). Finalmente, admitamos que esta realidade psíquica, que por vezes opõe-se à realidade externa, é constituída por um tecido de fantasias e de desejos.

Começemos nossa discussão pela primeira destas proposições. Freud não é o primeiro a dizer que o acesso à realidade é problemático e difícil. Da desvalorização platônica do sensível à coisa em si kantiana, um longo percurso da filosofia distingue o mundo tal como ele nos aparece, do mundo tal como ele seria em sua essência. A ciência moderna, de certa forma, também participa desta oposição, pois funda-se na suposição de que apenas uma pequena fração dos fenômenos do mundo nos são diretamente acessíveis. Ao homem propõem-se mapas de orientação. Boa parte do discurso filosófico articula meios de aproximar o homem de sua realidade essencial (a realidade das Idéias, por exemplo) assim como a ciência supõe que é possível, mesmo que nosso acesso à realidade seja falho, compensar nossas imperfeições com instrumentos que permitam apreender o fenômeno na sua riqueza.

No registro da experiência analítica, contudo, o desamparo, fundamental, será exatamente o motor da experiência. Não serão seus modos de compensação o que interessará a Freud, mas o modo como a *ação específica*, necessária à manutenção da vida, incide sobre o homem criando tanto uma capacidade de adaptação progressiva, como uma porção inapreensível de desamparo que resta aquém das capacidades de nomeação do aparelho cultural adaptado. É deste resto da operação de conversão (de um animal desamparado destinado à morte a um ser humano) que

tratará a psicanálise (FREUD, S. 1895, p. 421). De certa forma, trata-se, assim, de tomar este desamparo em sua radicalidade : não há correção possível para ele, quer seja por meio de mecanismos adaptativos, pela transcendência da razão ou pelo desenvolvimento de aparelhos conectores com o real, porque este desamparo será tomado como o próprio do homem, o registro em que o ser humano como tal se desloca.

O homem - tal como apresenta-se seu discurso para um analista - não parte de um eu primitivo para desenvolver, na interação com o mundo, um aparelho progressivamente adaptado para orientá-lo neste espaço externo. Os contornos deste eu, que limitariam uma fronteira natural entre o eu e o mundo (mesmo que o situemos como um eu primordial, semi-animal) não são dados, mas sim construídos, o que leva Freud a sua célebre afirmação de que o eu, como efeito de uma operação, resulta de “uma nova ação psíquica” (FREUD, S. 1914, p. 93).

Ele, porém, vai ainda mais longe, pois nos leva a concluir que não é só o eu que deve ser construído, o mundo também. É preciso insistir neste aspecto porque poderíamos pensar que, uma vez que consideramos o eu não mais como um dado *a priori*, deveríamos reservar ao mundo o papel de *primus movens*. Neste sentido o eu do conhecimento se constituiria progressivamente a partir de um acúmulo de experiências sensoriais do meio externo. Toda uma tradição empirista iniciada com Locke e Hume insistirá neste ponto. Freud, porém, não é nem racionalista, nem empirista. Apesar do ego não ser um dado anterior à experiência do mundo, ele tampouco se constitui como efeito do encontro de uma mônada primitiva com o mundo. O mundo, como mundo da realidade humana, é também resultado de uma operação e deve ser distinguido do mundo como tal, definido por Freud como um "fluxo excessivo de estímulo" (FREUD. S. 1925, p. 138), aniquilador e incompatível com a subsistência. O homem vai constituir sua realidade (e constituir-se nela), para afastar este caos invasor, origem de toda angústia e constituir, em um único e mesmo movimento, tanto sua realidade psíquica quanto a realidade externa.

A realidade do aparelho psíquico

Compreendemos, então, porque, em seu *Além do princípio do prazer* Freud situa o aparelho psíquico como construindo-se em um movimento de afastamento e de isolamento do excesso de estímulo exterior (FREUD, S. 1920, p. 43), o que nos leva a concluir que ele não tem, e nem poderia ter, um acesso direto a este mundo primordial. Ele possui órgãos de percepção, que não são, no entanto, uma janela para o mundo de onde uma instância egóica decidiria o rumo a tomar.

Não há piloto no navio assim como não há realidade correlativa do homem. Se a interação com a realidade como tal fosse imediata e não apresentasse estas dificuldades estruturais, tal como ocorre com o animal, ela não seria perpetuamente colocada em questão. Ela não está lá, em algum lugar, fora de um eu primordial, bastando-lhe afastar as lentes difratoras dos sentidos (ou, ao contrário, melhor equipá-los) para percebê-la. O aparelho psíquico constitui-se para afastar esta coisa real e não para atingi-la.

Uma vez que assim é, esta realidade só será alcançada a partir de um desvio, pois será preciso a este aparelho constituir sua realidade, de modo distinto da realidade primeva. Esta realidade do aparelho, que se funda em um jogo de alucinações, será então apreensível sem o mesmo caráter invasor e destruidor.

Como se constitui esta realidade? Em dois tempos. Inicialmente é preciso a intervenção de alguém, da mãe por exemplo, que ao suprir uma necessidade permitirá a conexão entre um estímulo e a satisfação. Em um segundo momento, a imagem aparecerá, halucinada, associada à uma nova necessidade alimentar. Apenas aqui, quando houver uma nova conexão entre esta halucinação e a satisfação, estabelece-se uma relação entre uma imagem e a satisfação, pois só aqui ela poderá ser vivida. O que era pura necessidade sem forma, ganha, assim, um sentido. A partir de sua intervenção - a introdução do leite como resposta ao grito sem sentido da criança, por exemplo -, aquilo que era puro desespero sem nome transforma-se em desejo, de leite neste caso. Deste modo, este alguém vai dar realidade a um desejo. Vai fazer acontecer um desejo, permitindo que o aparelho psíquico se constitua como organização capaz de buscar uma certa satisfação a partir de determinados objetos.

Este é, de modo bastante abreviado, a leitura lacaniana do esquema freudiano para a experiência de satisfação e para o que Freud situa como o *Nebenmensch*, ou do Outro primordial como um complexo. Uma vez ocorrendo a necessidade e sua satisfação através da ação de outrem, há o engendramento de uma representação deste associada a um traço (mnésico). Em uma próxima situação de necessidade haverá a halucinação e só então a possibilidade de ação específica. A partir daí o objeto não se dá nunca mais como da primeira vez, em toda a sua integridade concreta, pois ele só será atingido a partir de sua alucinação. Esta, ao mesmo tempo que o evoca, situa-o como distinto do objeto primeiro, que foi introduzido desacompanhado de sua imagem alucinada. Todo contato com o mundo se fará, de agora em diante, a partir de objetos que terão uma fração conhecida e outra inapreensível (FREUD, S. 1895, p. 421).

Torna-se impossível um contato direto com o mundo porque haverá sempre a alucinação do objeto, que funda-se no jogo de representações e dos traços mnésicos constitutivos do aparelho psíquico, e que deve coincidir com a percepção, para que haja possibilidade de descarga.

Mais do que verificar se uma representação que tenho existe no mundo ou não, o teste de realidade para Freud, não é um teste de existência, mas sim o estabelecimento de conexões entre o jogo de representações do aparelho psíquico e uma dada percepção, que permitam nomeá-la, permitindo uma ação sobre o mundo e um relativo acesso aos objetos. São estes mecanismos de adequação entre os indícios de realidade e a realidade alucinada do aparelho psíquico que permitem orientar o homem na sua procura e na satisfação de suas necessidades. Estes indícios, entretanto, serão sempre indícios e nunca presenças.

O organismo orienta-se no mundo a partir deste acoplamento de uma alucinação com uma percepção. O aparelho psíquico então vai fazer ou não conexões de existência em um mundo de representações alucinadas. Este aparelho não parte em busca de seus objetos no mundo, seja por que atalhos for. Ele é premido pela *Not des Lebens* freudiana, uma urgência vital sem finalidades específicas e sem necessidades definidas *a priori*, a tatear o mundo, sem objeto definido, estabelecendo conexões a partir de seu sistema de representações, o qual permite que algumas destas conexões sejam propícias à obtenção de uma certa satisfação (LACAN, J. 1986, p. 27).

A realidade do Outro

A intervenção de um outro, alguém que cuide da criança, aparece então como fundamental e fundadora do aparelho psíquico. Aqui incide o primeiro deslocamento empreendido por Lacan. A leitura de Lacan vai despersonificar este Outro, que não é mais alguém específico mas que, apesar de ser necessariamente encarnado por alguém, corresponde ao jogo de fantasias, desejos, e em última instância, sentidos da cultura. A mãe, ao dar sentido à necessidade disforme de seu filho, transformando-a em um desejo específico, é, em última instância, uma doadora de sentidos. Ela é, antes de tudo, este lugar de onde são transmitidos elementos simbólicos. A interação mãe-filho instaura a linguagem e com ela todo o jogo de sentidos de um corpo social-simbólico.

Esta despersonificação empreendida por Lacan tem dois efeitos fundamentais. O primeiro é que saímos da pessoa real da mãe. Seus traços e elementos constitutivos são secundários, pois o que conta é a maneira como a criança a viveu. Até aí todos concordam sem pestanejar. O segundo e mais radical efeito é que situamos a função de imagem desta mãe, que orienta e canaliza as

pulsões, em outro nível. O Outro (agora já podemos dar-lhe a maiúscula lacaniana) não é um objeto primordial, ao qual um eu primitivo reage, constituindo sua realidade psíquica das fantasias primordiais de agressão ou de incorporação deste(s) objeto(s), pois neste nível não há ainda objetos. A mãe, como Outro, é uma transmissora de imagens fundamentais imbuídas de sentido. Só a partir daí o mundo de objetos se constitui. Desta forma, a realidade psíquica não é feita nem daquilo que a criança viveu com a mãe/mundo (versão racionalista), nem das suas experiências fantasiosas com esta mãe/objeto (versão empirista), mas sim dos sentidos que essa mãe transmitiu.

Será preciso, neste ponto, convocar um exemplo para que não se pense que esta despersonalização corresponde à instauração da realidade psíquica como algo etéreo, feito de idéias e de sentidos fugidios. A concepção lacaniana da realidade psíquica corresponde a algo bastante concreto, apesar dela ser, de uma certa forma, independente dos acontecimentos e da relação eu-mundo (já que ela antes cria a diferença entre eu e mundo do que é construída a partir desta diferença). Examinemos então o exemplo dado por Lacan a partir da leitura que faz Freud do hino de Nietzsche "Antes do amanhecer" (Nietzsche, F. 2000).

Imagine-se no fim de uma jornada tumultuada, de trabalho e de fadiga, você sente as sombras que começam a tomar tudo que o circunda e é tomado por algo que pode ser formulado da seguinte maneira: 'A paz do entardecer' (LACAN, 1981, 156).

Todos já sentimos a paz do entardecer, mesmo sem saber exatamente do que se trata. Em vez de interrogar o que seria a paz do entardecer, precisamos, aqui, delimitar apenas o seguinte: em quê ela seria menos real do que a redução da luminosidade que a acompanha? A paz do entardecer é algo bastante concreto, mesmo que não exatamente objetivo. Ela tem um valor próprio radicalmente distinto da apreensão fenomenológica do declínio dos brilhos do dia. De certa forma, ela é mais real do que a variação luminosa em questão e quase que independente de que a luz se vá. A paz é mais decisiva que o entardecer. Num certo sentido, a paz do entardecer antecede o próprio entardecer, pois este sentimento existe antes mesmo do sujeito vivenciar a variação de luz; antes do sujeito vir a ser, já que está impresso no jogo de sentidos da cultura. Basta-nos pensar que esta paz materializou-se parcialmente aqui, no exato momento em que foi invocada sem que isto tivesse a mínima relação com a hora do dia em que o leitor se encontra.

Esta é a realidade em jogo na psicanálise, mais forte e determinante que o fato de estar claro ou escuro. Mais, ela transforma o claro ou escuro, meras variações sem sentido (vivas pelo animal

como sinal para um certo ciclo de comportamentos ou de regulações hormonais), em dia e noite (com todas as implicações destes termos nos acontecimentos humanos).

A paz do entardecer não é uma criação/resposta dos meus neurônios a um dado fenômeno. Ela é anterior e posterior a mim. Temos o sentimento irresistível de que ela é nossa no momento em que somos tomados por ela, mas percebemos agora que ela está também fora. Ela não é nem externa nem interna. Isso aparece claramente nesta paz que nos invade pois neste momento é impossível de dizer se este sentimento vem de dentro, de nós mesmos, ou de fora, dos movimentos do mundo.¹

É esta realidade que o Outro nos fornece. Não é tão importante que ele nos frustrate ou não, porque ele será sempre necessariamente frustrante (dando sentido ao invés vez de dar apenas leite). Por outro lado, ele proporcionará à criança uma maneira de obter satisfação que, entretanto, nunca mais será plena como a inaugural, sendo sempre mediada pelo jogo de representações.

Observamos então como a psicanálise é radical e revolucionária. Não só não há um homenzinho fechado inicialmente em si mesmo (o auto-erotismo freudiano é só uma postulação, um mito) que parte para a apreensão do mundo, como também não há Idéias eternas. Tampouco este eu constitui-se a partir de sua experiência do mundo mas sim, a partir da transmissão das lentes da cultura, de um manual de leitura do mundo.

O real e a realidade

A partir do que vimos será simples situar a distinção lacaniana entre real e realidade. Esta distinção retoma a distinção freudiana entre o mundo como tal, este caos invasor, sem nexos e sem forma, e o mundo da realidade humana. Ela relativiza a distinção entre dentro e fora, privilegiando a oposição entre o mundo da cultura e o mundo em si, tal como o veríamos se pudéssemos olhá-lo. Como isto não é possível, ficamos com este mundo simbólico e alguma noção do mundo real, inacessível de maneira direta, quer com nossos órgãos de percepção, quer com os instrumentos mais aperfeiçoados que possamos construir, pois o jogo de representações e de traços da cultura estarão sempre lá atuando como prismas, como elementos difratores da visão nítida do real.

Uma primeira questão poderia ser imediatamente formulada, pois para alguns o entardecer causa medo ou pânico o que levaria a pensar que a realidade psíquica é unicamente subjetiva e não compartilhada. Entretanto, o medo também ganha sentido na cultura, em oposição à paz,

existindo antes do sujeito. Nosso exemplo foi trazido aqui, não para propor que todos os que estão imersos em uma dada cultura sentem paz ao entardecer e que só os desviantes (os que tiveram uma relação traumática com um pai violento que amava o poente, por exemplo) vão temê-lo. O exemplo mostra apenas que algo que independe da experiência do mundo tem tanta ou mais força que este mundo, quer trate-se de paz ou de medo.

Intervém, neste ponto, uma segunda questão. Torna-se necessário agora explicar como se constitui a singularidade em um universo onde tudo já foi pensado e falado. Se não há palavras originais e se todos os elementos constitutivos de uma história preexistem ao sujeito, se não há história completamente singular, onde situar o subjetivo?²

Coloquemos a questão de outra maneira. Uma vez que invertemos o sentido dos vetores da constituição da realidade, como situar a diferença entre dentro e fora? Entre eu e mundo? E mais: como falarmos em construção da realidade psíquica? Antes, tínhamos, de um lado, o mundo e, do outro, o eu psíquico. Partíamos de um eu primordial para uma apreensão do mundo, ou do real da percepção para a constituição do eu. Nos dois casos tínhamos uma clara distinção entre o eu e o mundo. No primeiro através de uma distinção fundadora, e no segundo através de uma distinção apoiada na singularidade das fantasias primordiais. Agora, temos o mundo simbólico (que institui uma diferença entre o eu e o outro) e o mundo real. Como, no interior deste mundo simbólico que permite um acesso controlado ao mundo real, pensar uma distinção entre eu e outro se não dispomos nem de uma distinção fundadora, nem de uma distinção construída?

Proponho uma primeira resposta: a singularidade está no roteiro. O que faz de um sujeito um indivíduo singular é a trama de suas histórias. Cada unidade básica de suas histórias já está dada, cada elemento de uma cena já existe no estoque de sentidos da cultura, mas a composição da cena é singular. O lugar do sujeito é vinculado à construção de uma gramática de experiências, de histórias e de fantasias. Certamente nenhuma delas é original, todas já estão disponíveis na cultura, mas encontram-se amarradas de forma singular.

Entretanto é preciso mais pois isto não justifica um dos dados fundamentais para o qual chamávamos atenção no início: a força maior da realidade psíquica. É aí que devemos agora situar sua diferença para com a realidade material, uma vez que a diferença entre as duas atenua-se muito no momento em que dizemos que o que as distingue não é mais o fato de que uma está dentro e outra fora do indivíduo, que uma é o mundo real e outra o mundo da fantasia (esta distinção "natural", insistimos, foi suspensa). A realidade material não é o real objetivo em

oposição à realidade psíquica que seria uma leitura subjetiva, do real. Tanto a realidade material quanto a realidade psíquica foram situadas a partir de uma certa distância entre o real e o simbólico. Compreendemos então que o que faz a diferença entre elas é a força maior da realidade psíquica. Como explicá-la? Acrescente-se ainda a estas dificuldades o fato que situar a singularidade nesta reunião específica de acontecimentos, neste *curriculum-vitae*, não esclarece, já que não há mais a unidade de um eu primordial, quanto ao que mantém a unidade deste currículo.

Podemos dizer então que a singularidade está e não está no roteiro. Ela não está em cada história mas articula-se àquilo que as costura. Desta forma, a unidade do eu é solidária desta noção de amarração. Ora, o que constitui esta amarração é aquilo que chamamos de pulsão. Esta, não é mais um impulso vital, uma necessidade animal, nem um impulso agressivo ou animal a partir do qual o sujeito se insere na cultura «racional». O sujeito não existe antes da cultura, nem mesmo como pré-sujeito, pré-objetal. Não há fantasia sem os sentidos, as historinhas já dadas na cultura. A paz do entardecer existe de forma praticamente independente do sujeito. Entretanto, podemos perceber que ela só existe porque uma infinidade de sujeitos viveram-nas singularmente como forma de realização pulsional (a paz do entardecer pode ser, por exemplo, uma maneira de realizar a fantasia oral de ser reincorporado pela mãe).

O real da pulsão

A pulsão aparece então como dedução necessária, porque o universo de representações e de idéias, a satisfação obtida pela obtenção dos objetos/sentidos do mundo da realidade, nunca é bastante. Ela nomeia o seguinte fato de experiência: busca-se a satisfação no mundo real e não no mundo alucinado dos objetos.

Dizendo de outra maneira, a pulsão aparece como a maneira que Freud encontra para explicar porque o sujeito se move no sentido de buscar, e obter, alguma satisfação com seus objetos, buscando ao mesmo tempo sempre outro objeto, um objeto a mais. A relação com o real será fadada a um duplo movimento: a) um movimento de evitação do real pela realidade psíquica, que permite um acesso controlado a ele. É o nível do princípio do prazer, dimensão onde toda tensão deve ser descarregada e onde objetos de prazer são sempre (parcialmente) satisfatórios e b) uma pressão vital, um princípio de busca do real em si, que implica, se levado a termo, necessariamente na destruição do sujeito, pois este se constitui no afastamento do real. É o que

Freud denominou "além do princípio do prazer", a pulsão de morte. Desta forma, o aparelho psíquico constitui sua realidade para fugir do real para existir, mas ao mesmo tempo, luta para buscá-lo.

Nesta busca impossível do real em si, encontros acontecem. Serão sempre desencontros, pois o encontro verdadeiro, sem anteparos quaisquer, implica no fim do aparelho, na morte. Estes desencontros com o real causam efeitos e aparecem com a marca do sexual. O sexual situa, assim, o ponto cego do simbólico. Nenhum sentido/objeto serve para satisfazer a pulsão. A sexualidade é justamente este ponto cego da cultura, pois, apesar desta dispor de maneiras variadas de situar as mulheres e os homens, como cada um deve agir, etc., neste campo aparece da maneira mais evidente que o homem não se satisfaz com nenhum objeto (ou se satisfaz com qualquer um), já que não há um objeto natural para ele.

Retomemos nossa questão agora que sua resposta pode ser colocada agora de maneira mais completa: já que a realidade não está mais dentro do sujeito, já que ela preexiste a ele e quase independe dele, o que faz com que ela exista como realidade psíquica para um sujeito? Nossa resposta, provisória como se deve, será: subjetiva-se um certo número de histórias, de fantasias fundamentais que vão compor a trama do eu e que vão contar a história de seu desencontro com o real.

O real da fantasia

Para completar nosso pequeno percurso temos que retomar a última das nossas premissas iniciais. Estas histórias imaginadas de uma certa apreensão do real são justamente o que denominamos fantasias. Este encontro com o real, através da coisa sexual, vai se inscrever como a realidade fundadora de um sujeito através das fantasias. É por isso que dizemos que o mais importante não é o acontecido mas como o sujeito o viveu. Compreendemos agora que isto significa dizer que o que conta é se este acontecido foi um encontro traumático com o real do sexo ou não. Aí está o trauma, neste vislumbre do real. A partir destes encontros descontraídos, vai tecendo-se a rede de fantasias do sujeito, onde amarram-se histórias já disponíveis na cultura de uma maneira singular a partir do traçado da pulsão.

Vemos também que se estas historietas permitem algum contato com o real, elas servem ao mesmo tempo, e em um mesmo movimento, para escondê-lo. Elas são histórias de como o encontro poderia ter sido e não foi. Elas vêm tapar o buraco por onde o real ameaçava penetrar. A

primeira e mais fundamental maneira de fazê-lo é dando sentido. A fantasia é assim um conto imaginário que tem uma vertente simbólica/significante e também uma vertente real. Ela faz funcionar o que não é dado no homem: ela articula o real (da necessidade primeira ao qual não temos acesso) a um desejo (dado pelo Outro) através de uma historieta (também doada pelo Outro). Por isso ela tem um peso maior que o das histórias do Outro nos outros. A fantasia organiza o mundo, organiza a maneira de aceder à realidade externa. Ela tem muitas vezes um peso maior que o mundo e certamente maior do que os sentidos propostos para alterá-la (doutrinas, psicoterapias, etc.), pois ela faz o sujeito existir, não somente como eu mas também como singularidade de um desejo.

O percurso da análise deve então seguir a retomada destas histórias e o progressivo esvaziamento de seu valor pulsional até que se chegue a uma formulação mínima (lembramos Freud e seu “bate-se em uma criança”), onde não há mais dentro e fora, nem sujeito e agente, e que concentra um modo primeiro de articulação do real e do simbólico para um sujeito. As histórias continuarão lá, mas o sujeito, menos escravo de seus dramas, pode então adquirir uma maior leveza (e não uma maior liberdade) com relação à cadeia de suas determinações. É uma maneira de entendermos a conhecida afirmação freudiana segundo a qual uma análise transforma a tragédia do neurótico em drama banal.

Gostaria então de concluir retomando o poema de Nietzsche. Ele é interpretado por Freud como uma busca por redescobrir o pai na grande e sublime natureza. Admitindo, com Lacan que «pai» é o grande nome freudiano para esta ordem simbólica que vem permitir um acesso, jamais inteiro, ao real, entendemos porque Freud compreende o *Vor Sonnenaufgang* de Nietzsche desta forma. A fantasia pai-natureza, indicada aqui por Freud, tanto sustenta a realidade (do entardecer/amanhecer) quanto aponta para o real da pulsão em um para-além do princípio do entardecer. É o que lembra Nietzsche quando afirma que "todas as coisas estão batizadas na nascente da eternidade e para além do bem e do mal; os próprios bem e mal são apenas sombras interpostas e úmidas tribulações e nuvens que passam (...). O mundo é profundo, mais profundo que jamais o dia imaginou. (...)" (Nietzsche, F. 2000).

Bibliografia

FREUD, S. *Standard Edition*, vol. XIV, Londres, Hogarth Press, 1978.

“Projeto para uma psicologia científica”, 1950[1895], vol. I.

“Para introduzir o narcisismo”, (1914), vol. XIV.

“Além do princípio do prazer”, (1920), vol. XVIII.

“Inibição, sintoma e angústia”, 1926[1925], vol. XX.

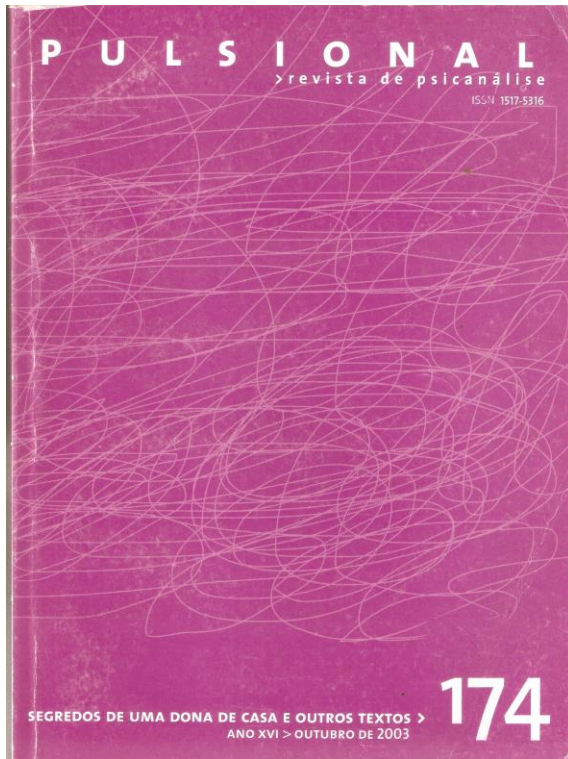
LACAN, J. *Le Séminaire Livre VII*, Paris, Seuil, 1986

-----, *Le Séminaire Livre III*, Paris, Seuil, 1981.

NIETZSCHE, F. "Ainsi falou Zaratustra", Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2000.

¹ Desta forma eliminamos uma série de dificuldades que surgem como verdadeiros impasses na leitura de Freud. Freud parece por vezes situar um dentro e um fora, como se o mundo interno das fantasias fosse mais real que o mundo externo da realidade real fosse menos importante. A partir daí somos obrigados a nos perguntar: O mundo é uma grande ilusão? Como explicar que o sujeito consiga se orientar neste mundo exterior se o que conta são suas fantasias e estas são a verdadeira realidade?

² Trata-se da mesma crítica endereçada ao estruturalismo que teria tornada impraticável a noção de subjetividade pela promoção da supremacia de estrutura e das determinações simbólicas. Percebemos com o que segue que Lacan, apesar de beber da mesma fonte que Levi-Strauss, não é estruturalista (pelo menos de meados dos anos sessenta, onde inicia um grande trabalho de teorização da pulsão a partir dos elementos de sua teoria do significante, em diante).



Copyright © Livraria Pulsional Ltda.

Publicação mensal da *Livraria Pulsional – Centro de Psicanálise*, iniciada em outubro de 1987 contendo, além de artigos, informações e notícias do campo psicanalítico, novidades bibliográficas nacionais e estrangeiras.

Pulsional Revista de Psicanálise
Ano XVI, n. 174, outubro de 2003
Impresso em 30/9/2003, pela Artcolor

Indexação: base de dados Index PSI-Projeto SIRPEP: www.bvs-psi.org.br
LILACS/BIREME – Literatura Latino-Americana e do Caribe das Ciências da Saúde, da Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS e da Organização Mundial da Saúde.

Avaliação CAPES/ANPEP 2003: Nacional A

Editores Responsáveis: Manoel Tosta Berlinck (PUC-SP)
Maria Cristina Rios Magalhães
Editores Associados: *Clinica do Social*, José Newton Garcia de Araujo (PUC-MG) e Teresa Cristina Carreiro (UFF)
Conselho Científico e Editorial: Joel Birman (UFRJ/UERJ), Contardo Calligaris (Folha de S. Paulo), Luis Claudio Figueiredo (PUC-SP/USP), Luis Carlos Menezes (SBPSP), Octavio Souza (PUC-RJ/FIOCRUZ)
Secretária da Redação: Tereza Bruski
Produção Gráfica: Araide Sanches
Capa: Daniel Trench e Renato de Almeida Prado
Projeto Gráfico: Daniel Trench e Renato de Almeida Prado
Produção Editorial: Editora Escuta
Revisão: Dirceu Scali Jr.

Livraria Pulsional – Centro de Psicanálise
Rua Dr. Homem de Mello, 446
05007-001 São Paulo, SP
Fonefax: (11) 3672-8345 / 3675-1190 / 3865-8950
e-mail: pulsional@uol.com.br
pulsionarevistas@uol.com.br
www.editoraescura.com.br

Pulsional Revista de Psicanálise – v. 1, n. 1
(out. 1987) – São Paulo
Editora Escuta 1987-
Mensal
ISSN 1517-5316
1. Psicologia – Periódicos
CDD 691.5

> SUMÁRIO

Editorial (Editorial)

- Manoel Tosta Berlinck, Por uma agenda de pesquisa em psicanálise a partir do Brasil 3
(For an agenda of research in psychoanalysis in Brazil)
Jorge J. Sauri (1923-2003) 6

Artigos (Articles)

- Darcy Cesário França, Pelas vias da linguagem – interface entre psicanálise e literatura 7
(Through language – an interlace between psychoanalysis and literature)
Liz Andréa Lima Mirim, Segredos de uma dona de casa 12
(A housewife's secrets)
Gina Tamburrino, Depressão e constituição psíquica 18
(Depression and psychic constitution)
Marcus André Vieira, Da realidade ao real – Jacques Lacan e a realidade psíquica 27
(From reality to the real – Jacques Lacan and the psychic reality)

Clínica do social (Social clinic)

- Flávio C. Ferraz, A relação entre o profissional de saúde e o seu cliente sob o prisma do princípio da autonomia 37
(The relationship between health professionals and their clients, based on the principal of autonomy)

PULSIONAL > REVISTA DE PSICANÁLISE > SUMÁRIO > P. 12
ano XVI, n. 174, outubro/2003